

INFORME ECONÔMICO DA POLÍTICA AGRÍCOLA

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Crédito e Estudos Econômicos

Julho de 2016
Ano 3, Número 7

INFLAÇÃO

Levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que houve retração da inflação no mês de junho. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou alta de 0,35% no mês, frente à variação de 0,78% em maio. O IPCA variou 4,42% no primeiro semestre e 8,84% em 12 meses (julho de 2015 a junho de 2016).

Dentre os nove grupos de despesa pesquisados, o de Alimentação e Bebidas apresentou a segunda maior variação, 0,71%. No grupo, as maiores elevações de preços ocorreram no feijão carioca (41,78%) e no leite longa vida (10,16%). Juntos, esses dois itens, essenciais na cesta de consumo das famílias, responderam por 60% da variação do IPCA de junho. No semestre, a alta de preços desses produtos atingiu 89,26% e 26,70%, respectivamente. Por outro lado, houve redução de preços em diversos itens, sobressaindo os registrados na cenoura (-23,72%), na cebola (-17,78%), no tomate (-8,08%) e nas frutas (-7,58%). Nos seis primeiros meses do ano, a inflação dos alimentos somou 7,37%. Em 12 meses a alta acumulada chegou a 12,81%.

A expressiva alta nos preços do feijão foi confirmada novamente em julho pelo IPCA-15 (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - 15), considerado como prévia da inflação oficial. O feijão carioca, cujos preços subiram, em média, 58,06%, foi, isoladamente, o item que exerceu o maior impacto sobre o IPCA-15. Os demais tipos de feijão também apresentaram aumentos significativos nos preços. Os preços do feijão mulatinho cresceram, em média, 45,94%, enquanto o feijão preto e o fradinho ficaram 34,23% e 11,78% mais caros.

Embora o feijão tenha se destacado, vários outros alimentos apresentaram altas importantes de preços em julho, a exemplo do arroz (3,36%) e do leite (15,54%). No mês, os preços dos alimentos cresceram 1,45%, pressionando a inflação medida pelo IPCA-15. Os alimentos foram responsáveis por 69% da variação do índice, que ficou em 0,54% em julho.

“Inflação desacelera e chega a 0,35% em junho. Aumento de 41,78% no preço do feijão carioca é destaque”



NESTA EDIÇÃO

Inflação.....	1
Conjuntura.....	2
Indicadores.....	5

EQUIPE RESPONSÁVEL

Marcelo F. Guimarães
Simone Yuri Ramos

CONTATO

spa@agricultura.gov.br

Inflação: Variação nos preços do feijão

Item	Variação (%)		Variação Acumulada (%)	
	Maio	Junho	Ano	12 meses
Feijão carioca	7,61	41,78	89,26	105,26
Feijão mulatinho	9,85	34,15	84,38	96,99
Leite longa vida	3,43	10,16	26,70	28,42
Feijão preto	-0,37	9,80	30,44	25,84
Feijão fradinho	-0,91	9,32	23,68	23,51

Fonte: IBGE

CONJUNTURA

Cultivado por pequenos e grandes produtores, em diversificados sistemas de produção e em todas as regiões brasileiras, o feijão é um produto de grande importância socioeconômica e nutricional, sendo um dos componentes mais importantes no hábito alimentar da população brasileira.

O país é um dos maiores produtores e consumidores mundiais do produto. Em 2013 foi o terceiro maior produtor e o segundo maior mercado consumidor, com produção e consumo de, respectivamente, 2,89 milhões 3,22 milhões de toneladas, de acordo com dados da FAO. Para este ano, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que a produção nacional totalize 2,70 milhões de toneladas, em 2,83 milhões de hectares, para um consumo de 2,90 milhões de toneladas. Na produção, destacam-se os estados do Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Bahia, que devem responder por cerca de 59% do volume produzido na safra 2015/2016.

No Brasil, a produção de feijão ocorre em três safras, que se sucedem ao longo do ano. De acordo com o calendário de plantio e colheita da Conab, na primeira safra (safra das águas) o plantio se estende de agosto a dezembro no Centro-Sul do país e de outubro a fevereiro no Norte-Nordeste. A colheita se dá entre os meses de novembro e maio, com concentração nos estados da região Sul, de Minas Gerais, de São Paulo, de Goiás, do Piauí e da Bahia. Na segunda safra (safra da seca), o plantio acontece entre os meses de janeiro a abril na região Centro-Sul e de janeiro a junho no Norte-Nordeste. A colheita ocorre de março a setembro e se concentra na região Nordeste e nos estados do Paraná, Mato Grosso, Rondônia, Pará e Goiás. Já na terceira, a safra de inverno, o plantio ocorre de março a junho e colheita de junho a outubro, com concentração nos estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Bahia, Pernambuco e Alagoas. O feijão é colhido cerca de 90 dias após o plantio.

Safra 2015/2016: Distribuição da produção, por estado produtor (em mil t)

Safra	Paraná		Minas Gerais		Mato Grosso		Bahia		BRASIL
	Produção	Part.	Produção	Part.	Produção	Part.	Produção	Part.	
1ª safra	285,7	27,7%	191,5	18,6%	6,7	0,7%	65,1	6,3%	1.030,7
2ª safra	317,2	32,0%	160,4	16,2%	155,6	15,7%	-	-	991,3
3ª safra	3,2	0,5%	156,8	23,2%	79,9	11,8%	160,8	23,8%	674,9
Total	606,1	22,5%	508,7	18,9%	242,2	9,0%	225,9	8,4%	2.696,9

Fonte: CONAB

Tanto a produção quanto as preferências no consumo de feijão são bem definidas no Brasil. Há clara prevalência do feijão carioca, que é produzido em quase todo o território nacional. A produção dessa classe é distribuída de forma uniforme nas três safras. O Centro-Sul é a principal região produtora (82% do total), com destaque para o estado de Minas Gerais, responsável por cerca de 28% da produção nacional. A produção de feijão preto concentra-se na região Sul (98%), sendo 60% do volume produzido oriundo da 1ª safra. O principal estado produtor é o Paraná, que responde por 66% (310 mil toneladas) da produção nacional. O feijão caupi é cultivado nas regiões Norte e Nordeste e no estado Mato Grosso e tem produção mais representativa na 2ª safra, que representa 70% do total produzido. Na safra 2015/2016, a produção de feijão carioca deve representar 68,1% do volume total, a de feijão preto 17,4% e a de caupi 14,5%.

Quanto ao consumo, o feijão preto tem maior aceitação no sul do país e nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo. O tipo carioca é aceito em praticamente todo o país, o que justifica sua maior participação na produção nacional. Já o feijão caupi é mais consumido nas regiões Norte e Nordeste.

Safra 2015/2016: Estimativa de produção, por classe e safra (mil t)

Safra	1ª Safra		2ª Safra		3ª Safra		TOTAL	
	Produção	Part.	Produção	Part.	Produção	Part.	Produção	Part.
Feijão Carioca	664,4	64,5%	537,5	54,2%	634,4	94,0%	1.836,3	68,1%
Feijão Preto	287,9	27,9%	181,9	18,3%	0,6	0,1%	470,4	17,4%
Feijão Caupi	78,4	7,6%	271,9	27,4%	39,9	5,9%	390,2	14,5%
Total	1.030,7	38,2%	991,3	36,8%	674,9	25,0%	2.696,9	

Fonte: CONAB

O feijão é uma cultura de difícil produção e comercialização devido, sobretudo, à sua alta sensibilidade hídrica, aos riscos fitossanitários e às dificuldades de armazenagem, que geram perdas de rendimento e qualidade, bem como aumento de custos. Por apresentar rápida deterioração após colhido e, portanto, ser suscetível a grandes perdas em períodos relativamente curtos (até 12 meses), a armazenagem é um dos principais entraves à comercialização do produto. A alta perecibilidade não permite, inclusive, que se tenha um estoque regulador de preços eficiente. Ou seja, quando ocorre quebra de safra e o produto fica escasso, os preços se elevam consideravelmente. Ao contrário, quando há excesso de oferta, os preços e o valor comercial do produto caem, devido à dificuldade de destinar o excedente aos mercados interno, pelo excesso de oferta, e externo, pela baixa aceitação do produto no mercado internacional. Essas dificuldades têm levado o produtor a optar por culturas mais rentáveis, reduzindo a disponibilidade interna de feijão.

Dados da Conab mostram que nas últimas safras a oferta esteve bastante ajustada ao consumo interno. A produção oscilou entre 2,70 a 3,73 milhões de toneladas e o consumo entre 2,90 e 3,60 milhões de toneladas. Do lado da oferta cabe destacar a importante retração de 27,8% na produção entre os anos safra 2010/2011 e 2015/2016, fruto do decréscimo de 29,2% na área plantada. No lado da demanda, houve, da mesma forma, retração significativa no consumo, 19,4%, motivada, principalmente, pelo comportamento dos preços e pela disponibilidade do produto. No período, a queda na produção ocorreu em ritmo mais acelerado, 5,3% a.a., em média, frente a queda de 3,5% a.a. no consumo. A oferta e a demanda ajustadas têm feito com que problemas conjunturais, como adversidades climáticas, tragam alterações significativas nos níveis de preço do produto.

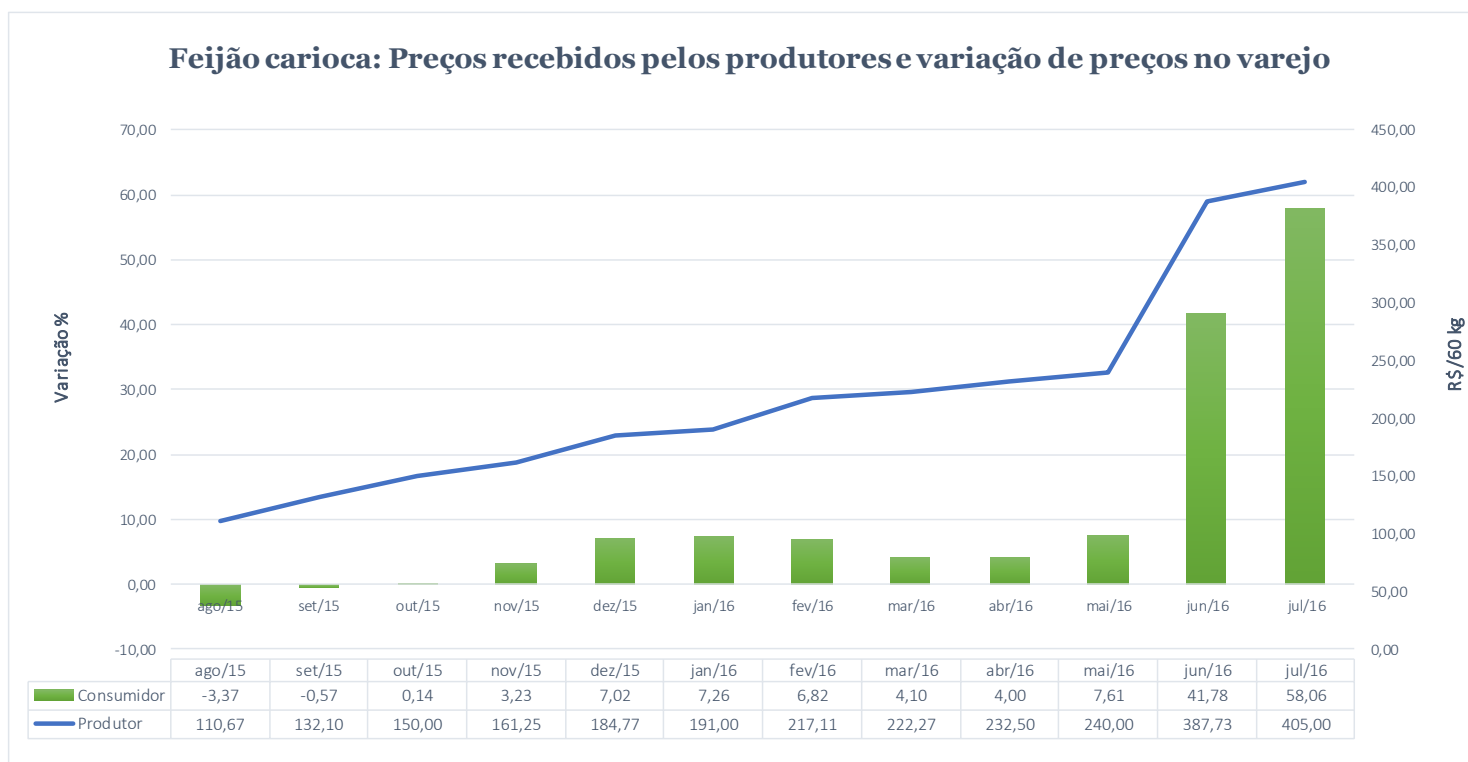
Feijão: Oferta e Demanda, em mil toneladas

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2010/2011	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/2012	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/2013	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/2014	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/2015	303,8	3.221,3	156,7	3.681,8	3.350,0	122,6	209,2
2015/2016	209,2	2.696,9	250,0	3.156,1	2.900,0	120,0	136,1

Fonte: CONAB

Tanto as importações quanto as exportações brasileiras de feijão são pouco representativas, com importações variado entre 130 a 315 mil toneladas e exportações entre 20 a 120 mil toneladas. Este baixo dinamismo no comércio exterior de feijão não é uma realidade apenas no Brasil. O comércio internacional do produto em si é bastante limitado. A pequena importância comercial, aliada ao baixo consumo nos países desenvolvidos e ao fato de os principais países produtores serem também os maiores consumidores, gerando pequeno excedente exportável, tornam o comércio internacional do produto restrito.

A recente alta nos preços, amplamente divulgada, tem se tornado um motivo de preocupação para a população brasileira, já que o feijão constitui item básico no consumo alimentar das famílias. Segundo o Instituto Brasileiro do Feijão e Pulses (Ibrafe), 7 em cada 10 brasileiros consomem feijão diariamente.



Fonte: MAPA e IBGE

A retração na área plantada, motivada principalmente pela rentabilidade de culturas alternativas, como milho e soja, aliada a problemas de ordem climática (excesso de chuvas, estiagem e geada nas principais áreas produtoras), resultaram num quadro de suprimento bastante ajustado, o que tem mantido os preços em patamares elevados. Levantamentos da Conab para a safra 2015/2016 indicam que a área plantada com feijão deve totalizar 2,83 milhões de hectares, redução de 7,1% em relação a 2014/2015. Com isso, a produção nacional deverá ficar em torno de 2,70 milhões de toneladas, 16,3% menor do que o volume registrado na safra passada. Isto é, cerca de 500 mil toneladas deixarão de ser colhidas neste ano, o que representa aproximadamente dois meses de consumo.

A menor oferta do produto tem refletido nos preços, tanto nos recebidos pelos produtores quanto nos praticados no varejo. Dados disponibilizados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) mostram que o preço pago aos produtores de feijão carioca (Apucarana/PR) cresceu 68,75% no mês de junho, 125,0% no semestre e 237,50% em 12 meses. O aumento de preços no campo tem sido parcialmente repassado ao consumidor. Levantamentos feitos pelo IBGE detectaram que em junho o preço do feijão carioca subiu 41,78%. De janeiro a junho deste ano a variação chegou a 89,26%. De julho de 2015 a junho de 2016 os preços cresceram 105,26%.

No curto prazo os preços devem continuar em patamares elevados, devido à oferta insuficiente. O avanço da colheita do produto da terceira safra, a partir de julho, deve atenuar a alta dos preços. Contudo, a formação de preços dependerá das condições climáticas, sobretudo na região Nordeste, principal produtora de feijão na terceira safra. Cabe mencionar que esta safra é produzida no Centro-oeste e Sudeste, sob pivôs, enquanto no Nordeste, a cultura é conduzida em regime de sequeiro, sendo altamente suscetível a adversidades climáticas.

Com o objetivo de aumentar oferta de feijão no mercado interno e reduzir preços ao consumidor, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) aprovou, em 23/06, a redução a zero da alíquota de importação de feijão, de qualquer país, por 90 dias. A alíquota normalmente é de 10% na Tarifa Externa Comum (TEC).

*“No semestre, alta no preço do feijão chega a 89,26% no varejo.
Preço pago ao produtor cresce 125%”*

INDICADORES SETORIAIS

INDICADOR	2013	2014	2015	2016 ¹
IPCA Alimentos (variação anual em %)	8,48	8,03	12,03	7,37
PIB da Agropecuária (participação % sobre o total)	4,52	4,48	4,46	6,00
PIB do Agronegócio (participação % sobre o total)	20,24	20,56	21,46	<i>n.d</i>
Exportações da Agropecuária (participação % sobre o total)	35,80	36,71	38,96	42,50
Exportações do Agronegócio (participação % sobre o total)	41,30	42,98	46,16	49,90
Produção de Grãos (milhões de toneladas)	188,66	193,62	207,67	189,27
Valor Bruto da Produção (R\$ bilhões)	503,75	524,08	530,42	514,38

Fonte: IBGE, CEPEA/USP, SECEX/MDIC, SPA/MAPA e CONAB

Elaboração: SPA/MAPA e SRI/MAPA

¹ Cálculos baseados nos seguintes períodos de referência: a) IPCA e Exportações: valores acumulados até junho; b) PIB: valor acumulado entre janeiro e março; c) Produção de grãos e VBP: estimativas divulgadas em julho.

INDICADORES ECONÔMICOS

INDICADOR	2014	2015	2016 ¹	2017 ¹
IPCA (%)	6,41	10,67	7,21	5,29
IGP-DI (%)	3,78	10,70	8,82	5,55
Taxa de Câmbio—fim de período (R\$/US\$)	2,66	3,90	3,34	3,50
Taxa de Câmbio —média de período (R\$/US\$)	2,35	3,34	3,47	3,46
SELIC—meta fim de período (% a.a.)	11,75	14,25	13,25	11,00
PIB (% de crescimento)	0,10	-3,80	-3,27	1,10
Saldo da Balança Comercial (US\$ bilhões)	-4,05	19,69	51,10	50,00

Fonte: BACEN e Estatísticas e Banco de Dados de Economia Agrícola (MAPA)

Elaboração: SPA/MAPA

¹Projeções para 2016 e 2017 – Relatório Focus de 22/07/2016 (BACEN)